



GT 35. Entre arte e política: articulações contemporâneas em pesquisas antropológicas

Coordenador(es):

Vitor Pinheiro Grunvald (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Glauco Batista Ferreira (UFG - Universidade Federal de Goiás)

Em continuidade às reflexões desenvolvidas em Grupos de Trabalhos nas Reuniões de Antropologia do Mercosul e em Simpósios de Pesquisas Pós-Graduandas nos Encontros Anuais da ANPOCS, este grupo de trabalho se foca nas relações entre arte e política, pensando-as a partir dos diferentes modos pelos quais as articulações entre estas esferas se engendram de modos distintos e se expressam nos cenários sociais contemporâneos. Pensar a arte em seus efeitos políticos e refletir sobre a política através de ações, de objetos, de imagens e performances artísticas tem sido uma constante em diferentes pesquisas realizadas no campo das ciências sociais e especialmente no campo antropológico nos últimos anos. Propomos acolher investigações que refletem sobre agências através de imagens, materialidades, objetos, trabalhos realizados a partir de performances e de expressões e práticas corporalizadas, de práticas de organização coletiva e de ações e mobilizações sociais que apontam o rico potencial transformativo dessas formas sociais que são ao mesmo tempo artísticas e políticas. Dessa maneira, incentivamos a submissão tanto de trabalhos que problematizam as relações entre arte e política em suas intersecções com marcadores sociais da diferença quanto pesquisas que exploram como as maneiras pelas quais a prática etnográfica se dá nos interstícios de práticas artísticas.

Intersecções no Audiovisual Brasileiro: Mulheres negras e a representação de corpos marginalizados no combate ao machismo e racismo.

Autoria: Brenda Carolinne Martins Inácio (UFG - Universidade Federal de Goiás)

Este work tem como objetivo entender a influência do audiovisual na percepção do público consumidor de filmes produzidos pelo cinema nacional e como se desenvolve o processo de produção do audiovisual de mulheres negras no estado de Goiás, o que acarreta em um tipo de "contracultura", ou como sugerido por bell hooks (1992), na construção de um "olhar opositivo" local. Parte-se do pressuposto que a estrutura social brasileira, influenciada pelo processo de colonização, construiu uma visão sobre corpos racializados e femininos com base em estigmatizações, produzindo políticas de controle e de invisibilização em nome do desenvolvimento da máquina mercantilista. Considera-se também o sexismo, de matriz europeia, que produziu uma opressão que trabalha de modo interseccional (entre raça e gênero) para a marginalização de mulheres negras, tal como elaborou a antropóloga Lélia Gonzalez (1984). Atenta-se ao fato de que o audiovisual brasileiro é parte da cultura do país e que sofre influência direta da estrutura social racista e sexista construída ao longo da história. Assim, a partir destes pressupostos e de uma proposta metodológica que toma as telas como campo de investigação e reflexão antropológicas, analisa-se filmes não como um reflexo concreto da sociedade, mas sim como um meio pelos quais sujeitos e grupos sociais pensam e elaboram sobre suas vidas, como sugerido pelas antropólogas Rose Satiko Hikiji (1998) e Carmen Rial (2004). Porém, o audiovisual pode também potencializar outros tipos de representações, criando narrativas que reforcem a imagem de mulheres negras não como produtos da imaginação colonial, mas como seres humanos dotados de sentimentos, vontades e pensamentos próprios. Muitas acadêmicas feministas tomaram como objeto de estudo a tela e os filmes produzidos por outras mulheres, construindo teorias para entender como o audiovisual se relaciona com a cultura e vice-versa, mas por um determinado tempo, tais análises se constituíam a partir de uma visão branca, ocidental e heterossexual, sendo assim, bastante excludente. A



partir disso, mulheres racializadas desenvolvem suas pesquisas com o objetivo de entender o papel e a posição das mulheres não-brancas nos filmes hollywoodianos, como realizado pela professora Ceiza Ferreira (2018) em alguns de seus works. Assim, neste pôster exploro um pouco de minhas análises aqui fortemente influenciada por este referencial teórico e no olhar para alguns filmes realizados por mulheres negras no Brasil e em Goiás, abordando também entrevistas semiestruturadas realizadas com algumas dessas realizadoras cinematográficas, de modo a compreender como uma visão opositiva sobre a tela pode ser construída, abrindo espaço para uma produção cinematográfica brasileira mais diversa.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: